

AVALIAÇÃO DO AMBIENTE DE TRABALHO DOS DOCENTES DA UNIOESTE CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO-PR.¹

Franciane Neckel²
Lirane Elize FERRETO³

Resumo

O objetivo da pesquisa consiste em avaliar o ambiente de trabalho e as implicações deste sobre a saúde dos docentes efetivos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus de Francisco Beltrão. O método utilizado foi o estudo de caso, com 47 docentes efetivos da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão, com idade entre 28 a 61 anos, e que em média estão trabalhando na área do estudo entre 02 a 37 anos. Para a coleta dos dados aplicou-se questionário semi-estruturado. Os resultados foram os seguintes: 62% dos docentes citaram o ruído como uma grande dificuldade do ambiente, 49% informaram que o espaço físico é inadequado, 17% dos docentes acreditam que há uma sobrecarga de trabalho gerando um desgaste mental e físico e 40% dos docentes sentem dificuldades de relacionamento entre colegas e interação social. Com este estudo, podemos entender que o ambiente de trabalho, quando inadequado pode ser um agravante para as doenças ocupacionais, assim, deve-se buscar a melhoria do local, com melhor estruturação das salas de aula, trabalho, pesquisa e aplicando-se a ergonomia, bem como atividades físicas e mentais para a melhoria da qualidade de vida e a saúde dos profissionais.

Palavras-Chave: Saúde – Stress – Trabalhador – Ambiente

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Economia Doméstica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) no ano letivo de 2005.

² Economista Doméstico. E-mail: francianeneckel@hotmail.com

³ Economista Doméstico. Mestre em Saúde Coletiva. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Francisco Beltrão – Grupo de Pesquisa: GESC – Grupo de Estudos em Saúde Coletiva e GEPC - Corporeidade: epistemologia, cultura, identidade e educação. E-mail: lferreto@gmail.com.

Introdução

Sabe-se que, nos últimos anos as doenças do trabalho ganharam maior destaque na sociedade. Tais doenças geralmente são ocasionadas ou agravadas por fatores de riscos presentes nos locais de trabalho que podem agir como influenciadores na saúde dos trabalhadores.

Muitas doenças ocupacionais podem levar à redução temporária ou permanente da capacidade para o trabalho, exemplos como esforço físico intenso, inadequação de algumas tecnologias utilizadas para o desenvolvimento do mesmo, máquinas perigosas, que oferecem risco de incidentes e ou acidentes, posturas e posições inadequadas, pressão da chefia por produtividade, ritmo acelerado na realização das tarefas, repetitividade de movimento, extensa jornada de trabalho, todos os itens mencionados dentre outros, geram desgastes físico e mental, que poderão reverter em doenças ocupacionais.

O ambiente físico ou posto de trabalho pode favorecer ou dificultar a execução das atividades atribuídas ao trabalhador e conseqüências como a insatisfação, o desconforto, o sofrimento, as doenças mentais ou físicas, podem advir desta inadequação, pois é no meio profissional, ou seja, no ambiente de trabalho que o indivíduo passa a maior parte do seu dia-a-dia.

Considerando este pressuposto, o objetivo desta pesquisa foi de avaliar o ambiente de trabalho dos docentes. Esta é uma forma de assegurar proteção à saúde do trabalhador, já que produtos e postos de trabalho inadequados, pelo uso freqüente podem provocar tensões musculares, dores e fadigas, levando muitas vezes a lesões irreversíveis. Na maioria dos casos, os problemas podem ser evitados com a melhoria dos locais e equipamentos utilizados (Guimarães, 1998).

Referencial Teórico

Uma das várias definições da palavra saúde pertence à Organização Mundial de Saúde (OMS) que a declara como “estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças” (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1988). Outra definição é citada por Rouquayrol (1999), que descreve que a saúde

tem duas dimensões essenciais - a dimensão do indivíduo e a dimensão da coletividade. Essas dimensões devem ser respeitadas em suas contradições e preservadas enquanto forma de expressão das maneiras de viver possíveis num dado momento.

A Constituição Brasileira em seu Artigo 196 declara:

“a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (Brasil , 2000).

Define-se trabalhador como toda pessoa que exerça uma atividade de trabalho independentemente de estar inserido no mercado formal ou informal, inclusive na forma de trabalho familiar e/ou doméstico (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002). Podemos identificar os trabalhadores como a população economicamente ativa, ou seja, são todas as pessoas que estão disponíveis para integrar a força de trabalho a fim de produzir bens ou serviços econômicos durante um determinado período de referência (Mendes e Dias, 1999).

O termo saúde do trabalhador refere-se a um campo do saber que visa compreender as relações entre o trabalho e o processo saúde/doença. Pode ser também definido como um conjunto de atividades em que se destina, através de ações de vigilância epidemiológica e sanitária, a promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa a recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002).

As ações de saúde devem se designar na identificação de riscos, danos, necessidades pessoais e do trabalho, condições de vida e de trabalho que, em último caso, determinam as formas de adoecer e morrer dos grupos populacionais. Todos os trabalhadores devem estar conscientizados dos riscos ambientais e organizacionais que estão expostos (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002). O objeto da saúde do trabalhador pode ser definido como o processo saúde e doença dos grupos humanos em sua relação com o trabalho (Mendes e Dias, 1999).

Considerando as definições apresentadas sobre saúde e trabalho, fica a necessidade de valorizar-se e compreender a importância da Saúde Ocupacional na vida dos trabalhadores. A Saúde Ocupacional ou Medicina do Trabalho é uma especialidade que avalia

os riscos existentes em cada posto de trabalho nas empresas, e cuida para que os trabalhadores não tenham sua saúde ameaçada pela função que exercem, buscando resguardá-la através da melhoria das condições de trabalho e vida (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002).

A melhoria das condições de vida e de trabalho são relacionadas às lutas e reivindicações operárias, em geral, ocorridas no século XIX. Houve uma luta expressiva e assídua por melhores condições de trabalho e saúde como: jornadas de trabalhos menores, melhores salários, melhores condições de higiene, entre outras pertinentes a sobrevivência e subsistência. (Dejours, 2001).

A população, de um modo geral, deveria ser orientada e ter conhecimento dos problemas de saúde relacionados aos contaminantes ambientais, causados por processos produtivos danosos ao meio ambiente, exemplo como o dos garimpeiros, os agricultores expostos ao uso de agrotóxicos, os reformadores de baterias industriais e siderúrgicas, onde a contaminação ambiental acarreta agravos à saúde da população como um todo, além dos riscos específicos causados aos trabalhadores ligados diretamente a estas atividades ocupacionais (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002).

Os trabalhadores estão ligados em torno de um eixo comum: a luta por melhores condições de vida e trabalho, através do reconhecimento de seu saber, o questionamento das alterações nos processos de trabalho, o exercício do direito à informação, e do direito de recusa ao trabalho perigoso e insalubre, buscando a humanização do trabalho (Mendes e Dias, 1999).

Na forma em que o trabalho está organizado, e é executado por um grande contingente de trabalhadores, preponderam seus efeitos negativos, entre eles, o adoecimento e a morte (Mendes e Dias, 1999). A organização do modelo atual do trabalho exige produtividade e qualificação profissional, deixando o trabalhador sob pressão constante e instabilidade que depende da sua produtividade intelectual. E muitas vezes se submetem a todos estes riscos em função do trabalho ter um papel fundamental na inserção dos indivíduos no mundo, contribui para a formação de sua identidade, a construção da subjetividade e permitindo que os indivíduos participem da vida social, elementos estes essenciais para a saúde dos mesmos (Codo e Sampaio & Hitomi, 1992).

As implicações do ambiente de trabalho na saúde do trabalhador

Em termos de busca de adequação e avaliação dos ambientes de trabalho a Ergonomia se apresenta como uma disciplina que subsidia estudos nesta área. A gênese da palavra do grego *ergon* que significa trabalho e *nomos* que quer dizer regras.

A Ergonomia desenvolveu-se durante a II Guerra Mundial quando, pela primeira vez, houve uma conjugação sistemática de esforços entre a área tecnológica e as ciências humanas. Fisiologistas, psicólogos, antropólogos, médicos e engenheiros trabalharam juntos para resolver os problemas causados pela operação de equipamentos militares complexos. Os resultados desse esforço interdisciplinar foram gratificantes, e aproveitados pela indústria, no pós-guerra. Considerando esta importância a ergonomia se aplica ao projeto de máquinas, equipamentos, sistemas e tarefas, com objetivo de melhorar a segurança, saúde, conforto e eficiência no trabalho (Dul e Werdmeester, 1991).

A ergonomia pode contribuir para os estudos que objetivam solucionar os problemas sociais relacionados com a saúde, segurança e conforto dos trabalhadores. Pode também contribuir para a prevenção de erros melhorando o desempenho das atividades. Um destaque dado aos estudos que buscam melhorar os equipamentos, sistemas e tarefas projetando-os para uso coletivo, mesmo sabendo das diferenças individuais os projetos ergonômicos devem atingir pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) da população, onde os demais 05% (cinco por cento) são os extremos da população, quais sejam, as pessoas obesas, muito altas, muito baixas, idosos, grávidas e os deficientes físicos, esse pequeno percentual possui dificuldades em adaptar-se aos projetos coletivos, mas podem ser realizados projetos específicos para os mesmos (Dul e Werdmeester, 1991).

A ergonomia está diretamente ligada ao ambiente de trabalho, que é caracterizado pelo espaço físico que abrange o trabalhador e a execução de suas atividades. “Ambiente é entendido como espaço fisicamente determinado e especializado para o desenvolvimento de determinada(s) atividade(s), caracterizado por dimensões e instalações diferenciadas” (Rodrigues, et al, 2005).

Nesse ambiente, o ser humano precisa adaptar-se às condições ambientais de trabalho e, conseqüentemente, nem sempre essas condições têm corroborado com a saúde deste trabalhador.

O trabalho tem sido reconhecido como importante fator de adoecimento, de desencadeamento e de crescente aumento dos distúrbios psíquicos, seu desenvolvimento acontece de forma “silenciosa” ou “invisível”, embora também possa emergir de forma aguda por desencadeantes diretamente ocasionados pelo trabalho (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002).

As doenças de trabalho se manifestam lentamente, podendo levar anos, às vezes até mais de 20 anos, o que na prática tem demonstrado ser um fator dificultador para o estabelecimento da relação entre uma doença sob investigação e o trabalho. Riscos como ruídos, vibrações, calor, frio, luminosidade, umidade, radiação, fumo, nevoa, neblina, poeira, fungos, bactérias, tensões, entre outros são os riscos mais presentes nos ambientes de trabalho e que acarretam danos à saúde dos trabalhadores.

A falta de um planejamento ergonômico pode ser citada como um risco para a saúde do trabalhador; principalmente como um ponto negativo nos setores administrativos são as divisões do trabalho, as pressões da chefia por produtividade ou disciplina, ritmo acelerado, repetitividade de movimentos, jornadas de trabalho extensas, trabalho noturno ou em turnos, organização do espaço físico, esforço físico intenso, levantamento manual de peso, posturas inadequadas, sobre carga de trabalho, entre outros. E no caso específico dos docentes as doenças das vias aéreas, por exemplo, podem ser observadas, devido ao pó do giz. Essas doenças estão diretamente relacionadas com materiais inalados nos ambientes de trabalho (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002).

O avanço dos estudos da relação trabalho/doença trata-se, na verdade, de uma etapa ou um pré-requisito para a orientação da intervenção. Para a linguagem da saúde pública, estudos desta natureza são importantes visto que proporcionarão o direcionamento de ações técnicas e políticas que conduzam à redução ou eliminação da nocividade dos processos de trabalho na direção de uma atividade profissional não apenas por riscos patogênicos, mas por não se apresentarem prazeroso e saudável (Mendes e Dias, 1999).

Uma das doenças que afetam milhares de trabalhadores é conhecida como Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e/ou Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT). No mundo contemporâneo, a LER/DORT tem representado importante fração do conjunto dos adoecimentos relacionados ao trabalho, acometendo homens e mulheres em plena fase produtiva.

Essa doença, conhecida como doença da modernidade, tem causado inúmeros afastamentos do trabalho, e quase a totalidade evolui para incapacidade parcial, e em muitos casos, para a incapacidade permanente culminando com a aposentadoria por invalidez.

A LER/DORT são afecções decorrentes das relações e da organização existentes no moderno mundo do trabalho, em que atividades são realizadas com movimentos repetitivos, com posturas inadequadas, trabalho muscular estático, conteúdo pobre das tarefas, monotonia e sobrecarga mental, associadas à ausência de controle sobre a execução das tarefas, ritmo intenso de trabalho, pressão por produção, relações conflituosas com as chefias, vibração e frio intenso (Miranda, 2005).

Esta doença caracteriza-se por um quadro de dor crônica, sensação de formigamento, dormência, fadiga muscular (por alterações nos tendões, musculatura e nervos periféricos), e dor muscular ou nas articulações, especialmente ao acordar à noite. É um processo de adoecimento insidioso, carregado de simbologias negativas sociais e intenso sofrimento psíquico: incertezas, medos, ansiedades e conflitos (Brasil, Cadernos de Atenção Básica, 2002). O medo, a angústia e a ansiedade constituem uma das dimensões da vivência dos trabalhadores, quase sempre ignorada pelos estudos em psicopatologia do trabalho (Dejours, 2001).

Atualmente as inovações tecnológicas têm contribuído para a eliminação ou diminuição dos riscos ocupacionais, levando o trabalho a se tornar menos perigoso, mais leve e menos degradante, porém, do outro lado, as “cargas” de trabalho aumentaram principalmente a carga psicológica, aumentando assim o sofrimento mental, o estresse, a preocupação com o acúmulo de trabalho, acrescidos pelo excesso de atividades no dia-a-dia.

As novas inovações tecnológicas e métodos de gerenciar são responsáveis pela intensificação do trabalho, aumentando o ritmo, as responsabilidades e a complexidade das tarefas no trabalho, que refletem na sociedade com o envelhecimento precoce, no adoecimento e morte por doenças cardiovasculares e outras doenças crônico-degenerativas, incluindo, principalmente, as doenças psíquicas, como a síndrome da fadiga crônica, a ansiedade generalizada, síndrome do pânico, entre outras doenças de ordem psicológica (Mendes e Dias, 1999).

O trabalho, também está afetando a parte mental dos

trabalhadores. Dejours (2001) destaca a insatisfação e a ansiedade, que normalmente são ignorados por vários estudos como extenuadores do trabalho mental. As relações são os laços humanos criados pela organização do trabalho, relações com chefias, com a supervisão e com outros trabalhadores, porém algumas vezes, essas relações são construídas de forma inadequada, afetando, assim, a personalidade e a percepção da função que desenvolvem dentro do ambiente de trabalho.

Em relação à saúde física, as condições do ambiente de trabalho (higiene, móveis adequados, ruído, alternância de temperatura) são apontadas como fonte de perigo que poderão causar danos ao corpo. Ambientes inadequados favorecem o aparecimento do desgastes físico e mental do trabalhador (Dejours, 2001).

Os trabalhadores têm encontrado grande dificuldade para lidar com as conseqüências do desgaste e da sobrecarga de trabalho, tanto para a correção quanto para a prevenção, isso é percebido em várias pesquisas. Um fator positivo evidenciado nestes estudos é que devido às várias dificuldades encontradas, as pessoas acabam cada vez mais buscando maneiras para garantir e melhorar sua qualidade de vida, seja no âmbito do trabalho quanto no seu cotidiano familiar e social (Mendes e Dias, 1999).

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso que segundo Triviños (1987), tem o objetivo de estudar uma unidade para permitir aprofundar na análise do mesmo caracterizando melhor cada caso. A escolha dos docentes do Campus de Francisco Beltrão ocorreu por ser a unidade mais nova a ser incorporada a Unioeste. O Campus tem uma infraestrutura formada por dois blocos. O bloco antigo incorporado da antiga Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão é composto por 20 salas de aula, seis coordenações de curso, sala de professores, sala de áudio-visual, informática, xérox e seis laboratórios. O bloco novo é destinado ao setor administrativo e a biblioteca. Sendo o campus mais novo da instituição e com perspectivas de crescimento da infra-estrutura e do corpo docente entendeu-se ser necessário o estudo das condições do ambiente de trabalho, para que nas futuras construções informações identificadas como fatores de risco na pesquisa sirvam de subsídios.

Fizeram parte desta pesquisa 47 docentes efetivos da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão, sendo 68 docentes efetivos, conforme dados fornecidos pelo Setor de Recursos Humanos. Os professores estão subdivididos no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (40%) e Centro de Ciências Humanas (60%). Deste total, 31% foram excluídos da pesquisa por se encontrarem afastados para qualificação docente ou por terem manifestado não desejarem participar, considerando estes aspectos, foram entrevistados 69% do corpo docente.

A coleta dos dados ocorreu no período de agosto a setembro de 2005. O instrumento utilizado foi questionário semi-estruturado, construído pela pesquisadora e foi previamente testado junto aos docentes temporários para validação. Os questionários foram distribuídos aos professores que após responderem devolveram-no à pesquisadora.

As variáveis que o questionário contemplou foram: tempo de exercício profissional, horas de trabalho/dia, doenças relacionadas ao ambiente de trabalho, horas destinada à leitura e atividades no computador, presença de fadiga, organização e limpeza do ambiente de trabalho, dificuldades físicas e mentais no local de trabalho e nível de estresse provocado pelo cotidiano. Os dados coletados passaram por uma revisão para identificar erros, omissões de repostas ou dificuldades de entendimento dos registros e a eles foi atribuído um código.

Com relação às questões abertas, utilizou-se da análise de conteúdo sugerida por Bardin (1977) e foi seguida a sugestão de Lima (2004) de convergir para um significado comum, “com base em critérios de homogeneidade interna, foram classificados em uma mesma categoria; simultaneamente, buscou-se garantir que as diferenças entre as distintas categorias fossem nítidas e claras, isto é, que houvesse heterogeneidade externa” (Lima e al, 2004:75).

Os dados foram organizados em planilha Excel e, posteriormente, trabalhou-se na análise dos mesmos com a contagem de frequência das unidades de significação. Vale ressaltar que os dados podem conter distorções, pelo fato de que no questionário foi solicitado ao entrevistado a identificação, para solucionar possíveis dúvidas referentes ao preenchimento. Portanto, alguns entrevistados podem não ter expressado o que realmente pensavam sobre o ambiente de trabalho da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão.

Resultados e Discussão

Nesta parte estão apresentadas as principais análises relativas ao ambiente de trabalho dos docentes efetivos da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão.

Tabela 1 – Frequência de idade dos docentes da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR.

Sexo Masculino	N = 25	%
Idade (anos)		
28 a 33 anos	12	48%
34 a 39 anos	08	32%
40 a 45 anos	02	08%
52 a 57 anos	02	08%
58 a 61 anos	01	04%
Sexo Feminino	N = 22	%
Idade (anos)		
28 a 33 anos	09	41%
34 a 39 anos	07	32%
40 a 45 anos	01	05%
46 a 51 anos	04	18%
52 a 53 anos	01	05%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005.

O corpo docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná é composto por 77% de docentes na faixa etária de 28 a 39 anos (Tabela 1), e 66% do total têm em torno de 2 a 13 anos de atividade profissional (Tabela 2). É uma instituição nova e seus profissionais estão em início de carreira, portanto, há necessidade da reflexão sobre a influência do ambiente de trabalho e das relações pessoais sobre o profissional docente da referida instituição. Estes dois aspectos impactam diretamente sobre a produção intelectual, a qualidade de vida do profissional e seu grau de satisfação com a atividade que desenvolve.

Tabela 2 – Tempo de atuação na profissão do docente universitário

Anos de trabalho	Sexo Masculino (25)		Sexo Feminino (22)		Total (47)	
	N	%	N	%	N	%
02 a 07 anos	11	44%	09	41%	20	43%
08 a 13 anos	07	28%	04	18%	11	23%
14 a 19 anos	04	16%	05	23%	09	19%
20 a 25 anos	01	04%	04	18%	05	11%
32 a 37 anos	02	08%	00	00%	02	04%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005.

A pesquisa mostra a predominância do sexo masculino no ensino universitário (Tabela 3). Estudo de Leite et al (2006) também encontrou um predomínio do sexo masculino no ensino universitário. Os docentes do sexo masculino trabalham, em média, 10 horas por dia, as mulheres trabalham em média 12 horas por dia, sendo que alguns profissionais de ambos os sexos trabalham acima da média apresentada, para desenvolverem com a eficiência as atividades de docência. As mulheres dedicam mais horas de seu dia para as atividades relacionadas à didática e ao trabalho no computador. Nota-se entre os pesquisados que as mulheres têm mais idade que os homens e maior tempo de trabalho, (tabela 01 e tabela 02), isto pode representar o ingresso da mulher no mercado de trabalho universitário mais tardiamente, provavelmente pelo fato de já atuarem no magistério do ensino fundamental ou, por primeiro, constituírem família e depois ingressarem na carreira docente.

Tabela 3 – Média de horas destinadas a atividades docentes em 24 horas:

Atividades	Sexo Masculino (25 docentes)		Sexo Feminino (22 docentes)	
	Média/horas/ Freqüência de Horas/dia		Média/horas/ Freqüência de horas/dia	
Horas trabalha em pé	04h	16,6%	05h	20,8%
	Não responderam	12%	Não responderam	18%
Horas de trabalho no computador	03h	12,5%	4,3 h	17,9%
	Não responderam	16%	Não responderam	05%
Horas para leitura	03h	12,5%	03h	12,5%
Horas de trabalho sentado	06h	25%	6,7h	27,9%
	Não responderam	64%	Não responderam	14%
Horas trabalho/dia	10h	41%	12,18h	50,7%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005

Observa-se ainda que 73% dos homens estão na atividade a menos de 13 anos e 58% do sexo feminino atuam menos de 13 anos na atividade docente, sendo caracterizado por um quadro de jovens docentes.

Conforme se pode verificar (Tabela 03), as mulheres dedicam metade do seu dia à atividade docente, essa exposição da mulher a uma carga de trabalho maior pode refletir-se pela necessidade da mesma demonstrar que produz conhecimento ou pela sua característica de se envolver mais em atividades didáticas, atendimento a acadêmicos e a comunidade. Para Dumais (1990), quando as mulheres estavam ausentes do meio acadêmico, afirmava-se que o destino estava determinado pela natureza, o volume do cérebro, o ciclo hormonal perturbador e o sistema reprodutivo.

A abordagem das questões apresentadas e o tratamento dos problemas que se colocam em torno do gênero (masculino/feminino) não tem sido nada fácil ao longo dos tempos. Para avaliar o grau de dificuldade, bastará recordar o modelo dominante que durante séculos atribuiu à mulher um estatuto de menoridade e de dependência (primeiro do pai ou do irmão, depois do marido), modelo esse acarinhado e disseminado, nos tempos modernos, pelos regimes fascistas e conservadores, com conseqüências nos domínios econômicos, sociais, familiares, culturais e políticos (Brito, 1999).

Em relação à jornada de trabalho, os docentes possuem uma jornada extensa e intensa de trabalho. A jornada diária concentrada excede 08 (oito) horas, semelhante à pesquisa de Oliveira (2001) que também constatou que o professor excede a jornada semanal de 40 (quarenta) horas estabelecidas em lei para o trabalho, isto se deve ao fato das atividades continuarem a serem executadas em casa.

Os docentes da UNIOESTE têm um trabalho intelectual que concentra atividades em pé e sentado. Oliveira (2001) explica que a posição sentada, ligeiramente inclinada, para frente é mais natural e menos fatigante que aquela ereta. Já a posição em pé é mais fatigante, porque o coração encontra maior resistência para bombear o sangue. A mesma autora alerta que “a necessidade que os trabalhadores possuem de ficar de pé e curvados com movimentação constantes dos braços geram sobrecargas posturais que, ao longo do tempo, além das dores nos pés, pescoço e ombros, podem surgir deformidades e paralisias ou dificuldades de movimentos” (Oliveira, 2001:67).

A postura de trabalho ideal é aquela que o trabalhador pode escolher livremente e que pode ser variada ao longo do tempo, a concepção dos postos de trabalho ou da tarefa deve favorecer a variação de postura, principalmente a alternância em ter a postura sentada e em pé (Miranda, 2005).

A dor nas costas atinge aproximadamente 70% da população brasileira, sendo a segunda causa de afastamento do trabalho, perde somente para os problemas cardiovasculares. A maioria das pessoas, hoje, trabalha sentada, digitando, ou em pé, atendendo pessoas. Nos dois casos, as dores nas costas refletem o resultado da postura inadequada que as pessoas acabam adotando em virtude das longas horas de trabalho associadas à falta de exercícios (Miranda, 2005).

Tabela 4 – Nível de stress dos docentes da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR.

	N = 47	%
Frequência de estresse		
Habitualmente	01	02%
Às vezes	14	30%
Muitas vezes	01	02%
Raramente	19	40%
Muito Raramente	08	17%
Não responderam	04	09%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005.

O profissional de ensino superior precisa atender as exigências impostas pela atividade educacional, para isto, deve ultrapassar “os limites e obstáculos para aquisição do saber, que o identificará no percurso pessoal e profissional, no qual o educador está inserido e assim, poderá construir seu projeto de vida, imprimir seus desejos, ensaiar e traçar sua profissão” (Marconato, 2002).

Para atender os requisitos, o profissional docente da UNIOESTE encontra-se em constante desequilíbrio, tendo que se adaptar a mudanças contínuas e sempre em busca da manutenção do seu trabalho. Nickel (2004:16) escreve que “a ausência de perspectivas quanto a uma situação de equilíbrio têm obrigado as pessoas a se submeterem a um processo contínuo de adaptação, o que pode ser um propulsor de sentimentos de apreensão e ansiedade crônicos, caracterizando assim, o estresse como inerente a este contexto”.

Tabela 5– Frequência de fadiga dos docentes da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR.

	N = 47	%
Frequência da fadiga		
Duas vezes na semana/ Às vezes	12	26%
Freqüentemente/ Diariamente/ Habitualmente	11	22%
Raramente/ esporadicamente	04	09%
Final do expediente/semana	04	09%
Não sente fadiga	12	26%
Não respondeu	04	09%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005.

Os profissionais trabalham mais que as horas contratadas para dar conta das mudanças e novas demandas do mercado de trabalho, notadamente na área de ensino que exige profissionais qualificados, críticos e capacitados, para atender o trinômio do ensino-pesquisa-extensão. Essa pressão exercida sobre o profissional reflete diretamente sobre o seu bem-estar físico e mental, como se observa nos dados das tabelas acima que evidenciam a frequência de stresse e fadiga, mesmo sendo um quadro considerado jovem.

A presença do estresse ocupacional, informada pelos entrevistados, é gerado dentro da unidade de trabalho, como bem destaca Reis et al (2006:229) “a quantidade de estresse que cada pessoa experimenta pode ser modulada por fatores como experiência no trabalho, nível de habilidade, padrão de personalidade e auto-estima”. Daí dizer que o estresse ocupacional gerado no ambiente de trabalho provoca no indivíduo sentimentos de hostilidade, ansiedade, tensão, frustração e depressão.

Tabela 6 - Características do ambiente de trabalho da UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR.

	N = 47	%
Condições do ambiente de trabalho		
Empoeirado	11	23%
Ruído	29	62%
Úmido	00	00%
Frio	20	43%
Quente	15	32%
É iluminado suficientemente	33	70%
Dificuldades do ambiente físico⁴		
Falta área de laser/ falta área permanência	06	13%
Infra-estrutura (falta de cadeiras/mesa, espaço para orientação, salas pequenas, os móveis e computadores são inadequados, condições precárias de quadros e apagadores).	23	49%
Iluminação, ruídos, salas quentes, limpeza, ventilação deficiente.	13	28%
Piso liso	04	09%
Agitação sala dos professores	01	02%
Falta de privacidade	04	09%
Falta espaço adequado para orientações/ monografias/ atividades de pesquisa	13	28%
Falta material bibliográfico	02	04%
Nenhuma	02	04%
Não responderam	03	06%
Dificuldades do ambiente social⁵		
Excesso de atividades/ pressão/ sobre carga	08	17%
Estresse	05	11%
Falta de privacidade	02	04%
Burocracia/ Formalismo	02	04%
Relacionamento interpessoal/competitividade/ conflitos/ individualismo	19	40%
Falta de pessoal	01	02%
Ambiente perturbador/agitado	02	04%
Falta de recursos áudios visuais – informática	01	02%
Ruído / iluminação/ falta de espaço/ área laser	10	21%
Não há dificuldades	03	06%
Não respondeu	05	11%

Fonte: Neckel e Ferreto, 2005.

⁴ Nesta questão, alguns entrevistados enumeraram mais de uma resposta, sendo assim, temos um N = 65 respostas.

⁵ Nesta questão, alguns entrevistados enumeraram mais de uma resposta, sendo assim, temos um N = 46 respostas.

Pelos dados da (Tabela 6), 80% dos pesquisados confirma a presença deste tipo de estresse. A origem desse tipo de estresse está relacionado a características pessoais dos indivíduos que envolve a compatibilidade de personalidade, relacionamento social no ambiente, o clima organizacional da instituição e as condições gerais de execução das atividades docentes. (Lipp, 2002).

Além do estresse ocupacional, gerado pelo processo de ensinar, as cobranças por produtividade e os problemas do cotidiano docente, estes ainda convivem na instituição pesquisada com problemas de infra-estrutura, (Tabela 6). O ambiente de trabalho enquanto o local em que as pessoas passam grande parte do dia realizando atividades produtivas, deve apresentar condições ambientais que atendam os usuários e permitam o desenvolvimento das atividades laborais saudavelmente.

São muito evidentes as reclamações falta de infra-estrutura para desenvolver suas atividades, como a falta de móveis, espaço, computadores, somados às condições precárias de quadros, apagadores, ruídos, falta de ventilação, algumas salas quentes outras frias, limpeza inadequada e piso liso.

A inexistência da infra-estrutura física adequada pode contribuir para o afastamento do profissional da instituição, conforme diagnosticado, 77% dos docentes considera que a instituição oferece condições precárias para a realização do seu trabalho, o que dificulta o processo de ensino-aprendizagem, influencia na saúde, já que lugares poucos ventilados, quentes ou frios e com ruídos são a principal causa de dores de cabeça, alergias, rinites, tonturas, mal estar, fadiga e outros (Rodrigues, et al, 2005). Em relação aos ruídos, a tolerância que a legislação brasileira define é de 85dB “para oito horas de exposição, e a consequência mais evidente do ruído é a perda auditiva, que pode ser temporária ou permanente, há, porém, outros efeitos extra-auditivos” (Oliveira, 2001:64).

A mesma autora orienta que os ruídos acima de 90 dB interferem na comunicação verbal e as pessoas têm a tendência a falarem mais alto e tem dificuldade de prestar atenção para serem compreendidas. A presença de ruídos no ambiente de trabalho aumenta a tensão psicológica e o nível de atenção, interferindo na qualidade do trabalho, na concentração mental e na atenção ou velocidade e precisão dos movimentos, principalmente em se tratando de uma atividade onde a concentração se faz essencial.

“Dependendo da intensidade do ruído e suscetibilidade do indivíduo, podem ocorrer alterações mentais e emocionais manifestadas pela irritabilidade, ansiedades, excitabilidade, insônia etc” (Oliveira, 2001:64).

O trabalho em ambientes quentes, por sua vez, provoca alterações no organismo, como a vasodilatação periférica e sudorese, diante disso, o trabalhador diminui o seu rendimento, o grau de concentração cai, as pausas são mais frequentes e os erros e acidentes tendem a aumentar. Essas dificuldades, relacionadas com a infraestrutura refletem-se no ambiente mental, nas relações de trabalho e com os discentes. Um ambiente perturbador e com equipamentos, móveis inadequados contribui para a instalação do estresse e de doenças ocupacionais.

As condições de insegurança, insalubridade, desconforto e ineficiência são eliminados quando adequadas às capacidades e limitações físicas e psicológicas do homem. A Ergonomia pode contribuir para a redução de problemas com a postura e do estresse do ambiente. Estuda vários aspectos: a postura e os movimentos corporais (sentado, em pé, empurrando, puxando e levantando pesos), fatores ambientais, (ruídos, vibrações, iluminação, clima, agentes químicos), informação (informações captadas pela visão, audição e outros sentidos), controles, relações entre mostradores e controles bem como o estudo dos cargos e tarefas.

A conjugação adequada desses fatores permite projetar ambientes seguros, saudáveis, confortáveis e eficientes, tanto no trabalho quanto na vida cotidiana. A ergonomia difere de outras áreas do conhecimento pelo seu caráter interdisciplinar e pela sua natureza aplicada, o caráter interdisciplinar significa que a ergonomia se apóia em diversas áreas do conhecimento humano. O caráter aplicado configura-se na adaptação do posto de trabalho e do ambiente as características e necessidades do trabalhador (Dul e Werdmeester, 1991).

Considerações finais

O docente da UNIOESTE encontra-se numa situação de risco para sua saúde, trabalha além da sua jornada de trabalho, já que a jornada não é encerrada ao fim do trabalho em sala de aula ou de funcionamento da instituição. Ficou evidenciado que realiza tarefas

relacionadas da universidade em casa, excedendo sua carga de trabalho e interferindo nas relações familiares, já que deixam, muitas vezes, de estar no convívio social da família para atender o acúmulo de atividades advindas do trabalho docente. Além disso, estar exercendo atividades em um ambiente com infra-estrutura inadequada, acaba influenciando diretamente no resultado de sua atividade, bem como provocando desconforto, e, às vezes, o adoecimento.

Existem dois fatores de destaque no ambiente físico a serem observados: os ruídos e a alternância de temperatura, que podem gerar um maior desgaste físico e mental dos trabalhadores, agravando os problemas de saúde dos profissionais docentes, poderá ainda constituir em uma situação mais crítica na medida em que o corpo funcional estiver com idade mais avançada.

A falta de infra-estrutura adequada para o trabalho na instituição pode ser um dos fatores que tem contribuído para que a principal queixa em relação ao ambiente mental seja o relacionamento interpessoal. A presença do individualismo, que pode ser estimulado pela política de mercado que estimula a competição no meio acadêmico, mas pode ser vencida com atividades que estimulem o envolvimento dos profissionais em atividades em outros grupos, colegiados, pesquisas e atividades de extensão, bem como seria interessante a presença de uma área de lazer, já que este local poderia congrega maior número de profissionais com interesses diferentes, permitindo um melhor relacionamento.

O processo de luta pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores de um modo geral é por melhores condições de vida e trabalho, é necessária. No entanto, a luta constante que se constroem diuturnamente é pela Saúde e Segurança do Trabalho, principalmente no combate às más condições e a falta de organização do trabalho, e que todas essas dificuldades acabam sendo nocivas à vida e ao meio em que os trabalhadores vivem (Costa, 2000).

No cotidiano, estamos expostos a fatores biológicos, físicos, químicos e psicosociais, sendo que a maioria dos acidentes está relacionada ao fator psicosocial, gerado também devido aos demais fatores. “Isso também pode ser observado na pesquisa, pois grandes partes dos docentes alegaram que as condições ambientais acabavam afetando a parte emocional”, sabemos que reconhecer fontes de perigo, avaliar as situações de risco e controlá-la, tomando decisões

técnicas e/ou administrativas para promover mudanças não é fácil, principalmente quando se depende de superiores e/ou governo. É necessário dar voz, criar canais de participação, democratizar o ambiente de trabalho, para que os trabalhadores possam interferir propondo mudanças nas condições e na organização do trabalho.

Na maioria das vezes, fala-se que o grande fator que favorece a ocorrência de um acidente é a falha humana, ou por deficiência técnica, falta de conhecimento ou descuido, mas esse não é o principal ítem, pois as deficiências no gerenciamento e as dificuldades interpessoais são causas que aumentam as chances de acidente. A saúde é um direito de todos, e para obtê-la é necessário trabalhar em condições dignas e saudáveis. Podemos dizer que os processos e atividades que envolvem a qualidade poderão ser muito bem empregados, no ambiente pesquisado neste estudo, podendo contribuir para um local de trabalho organizado e, com o mínimo de diferenças seja nos recursos humanos envolvidos, ou em outro qualquer que componha o ambiente de trabalho.

A saúde do trabalhador depende de condições dignas de trabalho, caso contrário aumenta-se as taxas de absenteísmo, licenças, doenças mentais e físicas. E o que se acredita é que qualquer trabalhador que tem sua saúde afetada não terá o mesmo rendimento, conseqüentemente, não oferecerá um ensino de qualidade e não contribuirá para o crescimento da pesquisa e extensão, como o esperado.

EVALUATION OF THE ENVIRONMENT OF WORK OF THE PROFESSORS OF THE UNIOESTE CAMPUS OF FRANCISCO BELTRÃO-PR.

Abstract

The objective of the research consists of evaluating the environment of work and the implications of this on the a health of the effective professors of the State University of the West of the Paraná (UNIOESTE) - Campus of Francisco Beltrão. The used method was the case study, with 47 effective professors of the UNIOESTE - Campus of Francisco Beltrão, with age enters the 28 a61 years, and that in average they are working in the area of the study it enters the 02 a 37 years. For the collection of the data half-structuralized questionnaire was applied. The results had been the following ones: 62% of the professors had cited the noise as a great difficulty of the environment, 49% had informed that the physical space is inadequate, 17% of the professors believe that it has a work overload generating a mental and physical consuming and 40% of the professors feel difficulties of relationship between colleagues and social interaction. With this study, we can understand that the work environment, when inadequate it can be an aggravating one for the occupational illnesses, thus, the improvement of the place must be searched, with better estruturação of the work, classrooms, research and applying it ergonomics, as well as physical and mental activities for the improvement of the quality of life and the health of the professionals.

Key Words: *Health - Stress - Diligent - Surrounding*

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977
- BRASIL. Cadernos de Atenção Básica. **Saúde do trabalhador**. N.05 Brasília-DF, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:1988**. 15.ed.Brasília, 2000.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, vol.9, 1998.
- BRITO, J.C.de. **Saúde, trabalho e modos sexuais de viver**. 20.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

CODO, W., SAMPAIO, J.J.C., HITOMI, A.H., BAUER, M. O “**mal estar do trabalho vazio**” em bancários. São Paulo: Vozes, 1992.

COSTA, Marco A. F. **Qualidade em biossegurança**: Editora Qualitymark, 2000.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed: Editora Cortez, 2001.

DUL E B. WEERDMEESTER, J. **Ergonomia prática**. São Paulo: Editora Edgard Buicher Ltda,1991.

DUMAIS, Lucie. **Um campo de pesquisa-intervenção**: Literatura E Produção Cultural O informal no Brasil, vol. 3, nº 2, 1990.

GUIMARÃES, Áurea M. **Meio Ambiente**: Série Idéias n.25, São Paulo: FDE, 1998.

LEITE, D.R., FIGUEIREDO, A.M.de; SÓL.N.A.de A. **Saúde e condições de trabalho dos docentes na Universidade Federal de Ouro Preto**. Disponível em < www.ichs.ufop.br/deedu/Artigo%20Adriana%20Maria%20de%20Figueiredo.pdf -> Acesso em 15 julho 2006.

LIMA, C.T.B. et al. **Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, 4 (1): 71-83, jan. / mar., 2004.

LIPP, M.N. **O estresse do professor**. Campinas, Papyrus, 2002.

MARCONATO, N. **Mulheres professoras: o ser e o fazer na inserção profissional**. / Neuza Marconato.—Florianópolis, 2002. 86p. : color. Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Filho, Dr. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Engenharia de Produção, 2002.

MENDES, R. DIAS, E. C. Saúde dos trabalhadores. In: ROUQUAYROL, M. Z; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia e saúde. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

MIRANDA, Carlos R. **Introdução à saúde no trabalho**. E-book. Disponível em: <<http://www.saudedotrabalho.com.br>>. Acesso em: 09 nov. 2005.

NICKEL, D.C. **Percepção de estresse e atitudes de aprendizagem de docentes na mudança do sistema seriado para o modular: estudo de caso numa instituição superior**/ Daniele Cristine Nickel. Florianópolis, 2004. 203 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

OLIVEIRA, D.L.de. **Processo de Trabalho e Saúde na Escola**:

Um estudo de caso com professores do ensino fundamental da Escola Municipal General Mourão Filho em Duque de Caxias. Rio de Janeiro. ENSP/FIOCRUZ, 2001. FL. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Saúde, 2001.

REIS, Eduardo J. F. Borges dos, ARAUJO, Tânia Maria de, CARVALHO, Fernando Martins et al. **Teaching and emotional exhaustion**. Educ. Soc., Jan./Apr. 2006, vol.27, no.94, p.229-253. ISSN 0101-7330.

RODRIGUES, M.C.; RIBEIRO, C.T.; VIEIRA, J.A.; MAFRA, S.C.T.; **A ergonomia como ferramenta da eficiência para ambientes de lavanderia**. In: Anais do XVIII Congresso Brasileiro VI Encontro Latino-Americano e IX Simpósio Estadual de Economia Doméstica. Francisco Beltrão: UNIOESTE / ABED, 2005. ISBN 85-89441-25-3 1 ROUQUAYROL, M.Z. **Epidemiologia & saúde**. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

Recebido: 16/02/2006

Aprovado: 06/06/2006

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.